



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.

ANO 2021

Outubro

Nº 385

Os dilemas da diplomacia estadunidense para a Ibero-América

(Publicado no nº 03 do Informativo do Movimento de Solidariedade Íbero-Americana -MSIA - vol. XXVIII, agosto de 2021)

SILVIA PALÁCIOS E LORENZO CARRASCO

Em meio ao declínio estratégico global experimentado pelos EUA, o governo do presidente Joe Biden explora alternativas para reconstruir as relações estadunidenses com a Ibero-América, instáveis desde o colapso do Tratado In-teramericano de Assistência Recíproca (TIAR), quando os EUA apoiaram a Inglaterra na Guerra das Malvinas, em 1982.

Assim como ocorre no restante do mundo ocidental, o fracasso da "Nova Ordem Mundial" e de seu sucedâneo, o programa hegemônico do "Novo Século Americano", encontra um hemisfério frágil e em crise, em especial, com um panorama de caos institucional na América do Sul. Foi neste contexto que o governo de Biden lançou uma ofensiva diplomática regional, mobilizando as suas principais peças diplomáticas.

Em julho, veio ao Brasil para uma visita-relâmpago o diretor-geral da Agência Central de Inteligência (CIA), William J. Burns, em uma evidente missão de "controle de danos", algo que dificilmente seria conferido a um chefe da agência, uma provável resposta à inusitada participação do presidente Jair Bolsonaro no Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo, no mês anterior.

O lance mais recente, no início de agosto, foi uma turnê pelos três países de maior peso político na região, Brasil, Argentina e México, com uma delegação que incluiu o conselheiro de Segurança Nacional, Jake Sullivan, o diretor senior para o Hemisfério Ocidental do Conselho de Segurança Nacional, Juan González, e o subsecretário de Estado para Assuntos do Hemisfério Ocidental, Ricardo Zúniga.

De acordo com a programação oficial, os temas das visitas não trouxeram grandes novidades, além de questões gerais nas áreas econômica, ambiental, segurança, meio ambiente e cooperação contra a pandemia de Covid-19.

Sem surpresa, a preocupação geopolítica central para a América do Sul é a tentativa de conter a presença econômica da China, reforçando a cruzada contra a participação da empresa chinesa Huawei na instalação da tecnologia de redes 5G nesses países.

Ao Brasil, em troca do seu alinhamento, foi oferecido torná-lo um "parceiro global" da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) - o que seria um retrocesso para os interesses estratégicos brasileiros, pois o isolaria dos demais países, principalmente, da Argentina.

Em Buenos Aires, além de enfatizar a questão do sistema 5G (menos premente que no Brasil, pois a Argentina sequer concluiu os seus planos para a área), Sullivan expressou apoio nas negociações da dívida de 44 bilhões de dólares do país com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Além disso, prometeu colaboração para controlar a pesca ilegal da China e outras nações no Atlântico Sul.

O ponto mais significativo ocorreu durante o almoço na Casa Rosada, oferecido pelo presidente Alberto Fernández, no qual Sullivan anunciou um novo conceito de defesa e segurança nacional, baseado na "saúde, meio ambiente, justiça social e estabilidade econômica e financeira dos países".

E acrescentou: Estamos propondo um pacto social. O presidente Biden busca ser uma continuidade avançada dos planos que (Franklin) Roosevelt e (Lyndon) Johnson propuseram em sua época (Infobae, 08/08/2021)."

No México, a agenda foi um pouco diferente, tanto pela proximidade geográfica como quanto pelo acordo de livre comércio T-MEC (NAFTA 2.0), que mantém o país dependente dos interesses comerciais do seu parceiro estadunidense. O presidente Andrés Manuel López Obrador recebeu a delegação, enfatizando a sua proposta de vincular as questões de emigração e segurança a projetos de desenvolvimento econômico, especialmente, para a América Central e o sul do México. Igualmente, foi anunciado o convite para que o presidente Joe Biden visite o país no próximo mês de setembro, além do restabelecimento de um mecanismo de negociação de alto nível para a realização de projetos colaborativos entre as nações da América do Norte.

De fato, seria bastante positivo para uma nova ordem hemisférica se a diplomacia estadunidense se engajasse realmente em uma versão aprimorada das políticas de Roosevelt, deixando para trás as suas pretensões "excepcionalistas" e abrindo caminho para a cooperação dos Estados Unidos com o resto do continente, com base no respeito à soberania dos Estados e no princípio da não intervenção nos assuntos internos.

Ou seja, sem a prevalência da ordem hegemônica até agora reinante. Em realidade, a dissolução do TIAR, em 1982, foi o acontecimento histórico que marcou o início de uma ofensiva da superpotência estadunidense e seus aliados liberais hemisféricos contra os Estados nacionais e as Forças Armadas da Ibero-América. Este foi o propósito da criação, no mesmo ano, do Diálogo Interamericano (DI), que, desde então, tem ajudado a formular a política externa para o hemisfério, tanto aos governos democratas como republicanos, promovendo o mesmo programa supranacional das duas correntes políticas: neoliberalismo, legalização das drogas, ambientalismo, indigenismo e políticas "identitárias".

O seu antípoda para a restauração da ordem hemisférica seria um modelo de cooperação não muito distante do sistema de economia nacional concebido pelos fundadores da União Americana, baseado no fomento da industrialização e das capacidades produtivas do país em geral, o qual foi a base do poderio econômico estadunidense até a década de 1970.

Um bom momento para retornar às suas origens anticoloniais, quando os Estados Unidos se tornaram independentes do Império Britânico e da ditadura financeira do Banco da Inglaterra (que adotaram depois, com o Sistema da Reserva Federal), criando um sistema de crédito voltado para projetos de economia física e intensivo em inovação tecnológica. A recuperação industrial estadunidense, nesse sentido, estaria plenamente de acordo com os interesses soberanos das nações ibero-americanas.

Este é o único futuro possível, em face do colapso desenfreado de uma ordem mundial suprema. A alternativa seria um caos de desdobramentos imprevisíveis em escala global.

Voltar à História, resgatar o verdadeiro passado das versões distorcidas que surgiram das chamadas guerras de independência, negar a grande origem de uma civilização mestiça, é a tarefa das nações ibero-americanas para se livrarem do colonialismo mental imposto pelo Iluminismo. Só assim, o subcontinente poderá escapar ao pior colapso institucional da sua história, com o descrédito generalizado dos seus partidos políticos e os sistemas econômicos voltados para alimentar a usura da globalização financeira. O outro caminho é embarcar em um novo caminho colonial, permitindo que experimentos "etnonacionalistas" ajudem a desintegrar as nações ibero-americanas.

A recuperação industrial dos Estados Unidos e a retomada do projeto civilizatório ibero-americano serão, então, as duas pernas para a renovação de um sistema hemisférico de segurança e desenvolvimento.



O DESIDERATO DE PLÍNIO SALGADO E A INTENTONA INTEGRALISTA DE 1938

Antecedentes

Entre 1930 e 1934, o país foi governado por um regime centralista resultante da Revolução de 1930, chefiado por Getúlio Vargas.

A Intentona Comunista de 1935 forneceu a Vargas a desculpa para, em 1937, alegando a existência de nova conspiração comunista para a tomada violenta do poder (Plano Cohen), fechar o Congresso, suspender a atuação dos partidos políticos, outorgar uma nova constituição e proclamar a vigência do Estado Novo.

O Estado Novo recebeu o consentimento e aplausos dos integralistas que emergiram na cena política após a malograda tentativa de tomada de poder pelos comunistas em 1935.

Segundo depoimento de Plínio Salgado, fundador e líder máximo da Ação Integralista Brasileira (AIB), em Set 1937 ele fora procurado por Francisco Campos que, autorizado por Vargas, desejava a sua opinião sobre o projeto de Constituição que deveria ser outorgada. Consultada, a cúpula dos integralistas posicionou-se favoravelmente.

Demonstração de força

Em 01 Nov, os integralistas promoveram no Rio de Janeiro uma passeata com 25 mil militantes (militares fardados e civis vestindo camisas verdes), que partiu da Praça Mauá e percorreu as avenidas Rio Branco e Beira Mar. Prestavam continência a Plínio Salgado, que se encontrava em uma sacada do Hotel Glória. Continuavam pela rua Paissandu para passarem em frente ao Palácio Guanabara, onde Vargas assistia com contentamento, ao lado do Ministro da Marinha Alm Henrique Aristides Guilhem e do Cmt da Vila Militar, Gen Newton de Andrade Cavalcanti.

A Constituição outorgada em 10 Nov, em parte embasada na Carta del Lavoro, em vigor na Itália fascista, e na Constituição da Polônia, inclinava o governo para o totalitarismo de direita. Por isso, os integralistas acreditavam que seriam chamados pelo Presidente para, em conjunto, desfrutarem do poder. Mas não foi o que ocorreu.

Os integralistas tinham como símbolo uma bandeira com um disco branco sobre um fundo azul, com um sigma maiúsculo (Σ) em seu centro. A AIB foi extinta pelo Estado Novo.

Rompimento com Vargas

Vargas havia oferecido a Plínio Salgado o Ministério da Educação, recusado porque os integralistas intransigentes se opuseram. Superado este episódio, o Presidente demonstrou que o seu Estado Nacional tenderia ser apolítico e direcionou-se pela extinção de todos os partidos políticos. Assim, a AIB foi fechada em 03 Dez 1937, em consequência do Decreto-Lei nº 37, provocando descontentamento não só entre os intelectuais de direita como no EB, onde existiam mais de mil oficiais integralistas ou simpatizantes. Na Marinha, 70% da oficialidade inclinava-se para o Integralismo, liderados pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Fernando Cochrane. Na estrutura integralista chegou a existir a Província do Mar, que englobava o pessoal da Marinha.

Reunidos, os adversários de diversos matizes, sem bases ideológicas, começaram a conspirar contra o governo. "Não era uma conspiração puramente integralista, havia de tudo (...)", rememora Demosthenes Madureira de Pinho¹. Juntaram-se o próprio líder do Integralismo Plínio Salgado, seguido de Belmiro Valverde, médico, Francisco Clementino San Tiago Dantas, Gustavo Dodt Barroso, Jorge Lacerda, Cel Euclides de Oliveira Figueiredo, Tenente Severo Fournier e Armando de Salles Oliveira². E decidiram, após várias reuniões, derrubar Vargas.

Avança a conspiração

Seguindo denúncias anônimas, o delegado de polícia Jackson Gomes de Souza apreendeu, em 01 Fev 1938, no prédio 134 da rua Visconde de Itaboraí, em Niterói, armas e munições, estocadas pelo morador, Major Reformado da Força Pública Dr. Pedro Octaviano de Oliveira, que confessou o desvio do citado material. Na rua Padre Leandro, nº 24, o mesmo delegado encontrou um verdadeiro arsenal. O governo encontrava-se a par de que uma conspiração existia.

Na tarde de 10 Mar 1938, correu a notícia de que um movimento teria lugar naquela noite. O Ten Francisco Barbosa (da Marinha) convocou os Tenentes Jatyr de Carvalho Serejo, Álvaro Gonçalves Gomes Filho e Arnaldo Hasselman Fairbairn para uma reunião, que ocorreu por volta das 17 horas.

¹ Carrossel da vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

² Fournier e Salles não eram integralistas.

Deste encontro ficou acertado que voltariam a se reunir na rua Visconde de Inhaúma (Rio de Janeiro) com o Capitão-de-mar-e-guerra Oto de Faria, às 21 horas. Alguém (suposto telefonema anônimo) mandara dizer que o pessoal do Exército exigia que o início do movimento na Marinha fosse deflagrado naquela noite. Contando, ainda, com seis guardas-marinhas, esses oficiais dirigiram-se ao Cais dos Mineiros, portando 40 fuzis e quatro cunhetes de munição. Serejo telefonou para a Escola Naval (sediada na ilha das Enxadas) e partiu em busca de uma lancha para transportá-lo, pretextando ter esquecido a carteira no bolso da farda (Serejo era o chefe do Curso de Educação Física da Escola Naval). Conseguida a lancha, os conjurados puderam dirigir-se para a Escola Naval, dominando-a facilmente. Avisados de que a notícia do levante era falsa, desistiram, sendo presos em consequência³.

A conspiração, contudo, prosseguia em SP e no Rio de Janeiro. O Gen José Maria Castro Júnior, instalado no bairro de Laranjeiras (Rio de Janeiro), aliciava adeptos e mantinha contatos em locais onde havia ofícios fúnebres. Foi o chefe militar do levante. Os conspiradores encontravam-se em uma casa da Av. Niemeyer, n° 550, perto da Gruta da Imprensa (naquela época local afastado da cidade), propriedade de Alexandre Braga. Neste local deveria ser concentrado o armamento que deveria vir de SP e tardava em aparecer. Por isso, Carlos Bernardino de Aragão Bozano conseguiu comprar algumas armas em Niterói, quase todas em péssimo estado. Algumas reuniões tiveram lugar na casa do jovem Madureira de Pinho, na Av. Marechal Cantuária, na Urca.

A trágica madrugada de 11 de maio de 1938

Os conspiradores escolheram a data de 11 de maio para o levante porque o destacamento de Fuzileiros Navais (FN) que daria guarda ao Palácio Guanabara, residência do Presidente, estaria sob o comando do Tenente FN Júlio Barbosa do Nascimento, comprometido com a conspiração, o mesmo ocorrendo na Polícia Central, rua da Relação, onde estaria de serviço o Aspirante Sotero. Objetivavam conduzir Vargas e familiares presos para o cruzador Bahia para, em seguida, impor uma mudança na cúpula do governo. Além do ataque ao Palácio Guanabara, indispensável para cumprir o objetivo citado, a estratégia dos revoltosos completava-se com a detenção de autoridades militares, executada por grupos armados, com o assalto ao prédio do Ministério da Marinha e com a libertação de Otávio Mangabeira e Euclides Figueiredo do Hospital Militar, onde se encontravam internados.

Entretanto a polícia, que continuava a acompanhar as atividades conspiratórias, estava alerta. No dia 9, o Chefe de Polícia, Filinto Strubling Müller, preveniu o Presidente sobre a evolução da conspiração e informou que o Gen Castro Júnior marcara uma reunião de oficiais em casa de Stanley Gomes (irmão de Eduardo Gomes).

Sentindo-se preparados, os conspiradores entraram em ação na noite de 10 para 11 de maio. Um grupo de 26 homens bem armados partiu da casa da Av. Niemeyer, mas foi interceptado por policiais, dirigidos pelo Inspetor Carlos Cesar de Souza, na Av. Vieira Souto, sendo presos os seus integrantes, cerca de 00:40 horas do dia 11. A polícia entrou de prontidão, não podendo o Asp Sotero agir conforme o combinado. Outros grupos fracassaram na missão de deter autoridades conseguindo, apenas, aprisionar o Cel Canrobert Pereira da Costa, Chefe de Gabinete do Ministro da Guerra, afinal abandonado pelos conspiradores, que se dirigiu ao Ministério da Guerra em pijama... João Daré, incumbido da ação no Hospital Militar, fez-se passar por "coronel" e requisitou os presos que, com ele, saíram a pé; percebendo o logro, o oficial médico, Dr. Laurindo Quaresma, ainda conseguiu recapturá-los, utilizando um piquete de cavalaria. O Almirante José Machado de Castro e Silva, Chefe do Estado-Maior da Armada, reagiu à bala quando bateram à sua porta; conseguiu fugir pelos fundos da casa, dirigindo-se ao Ministério da Guerra e, deste, para o Ministério da Marinha, a fim de comandar a ação neste local.

O Capitão-de-Corveta Nuno Barbosa de Oliveira, auxiliado pelos 1°s Ten Tito Bardy, Álvaro Gonçalves Filho, José Pereira Filho e Dalmir da Costa Muller de Campos, conseguiram sem dificuldades revoltar o cruzador Bahia. Suspenderam pela madrugada e se dirigiram para a barra do Rio de Janeiro. Informados por rádio que todos os setores do movimento tinham fracassado e que nenhuma outra unidade naval se revoltara, entregaram-se ao Cmt da Divisão de Cruzadores⁴.

³ Serejo e um grupo de Guardas-Marinha foram expulsos da Marinha mas anistiados.

⁴ Depoimento do Cap Mar e Guerra Tito Bardy no Sv Doc Geral da Marinha.

Desconhecendo o desenrolar dessas ações, o Tenente Hasselman procurou cumprir a missão de assaltar e dominar o prédio do Ministério da Marinha (situado onde, depois, foi construído o prédio que abriga o 1º Distrito Naval). Hasselman contava com 30 homens e o fator surpresa e, assim, pôde dominar os postos de guarda (ocasião em que foi morto no beliche onde dormia o Cabo da Força Naval Argemiro José de Noronha) mas, na troca de tiros no pátio interno do prédio, o tenente foi baleado na coluna. Os invasores não esmoreceram e ocuparam o conjunto principal do Ministério, instalando metralhadoras em pontos-chaves e no terraço. Sabiam que um contra-ataque devia partir da ilha das Cobras, onde se encontrava o QG do Corpo de Fuzileiros Navais. O seu comandante, Capitão-de-Mar-e-Guerra Milcíades Portela Ferreira Alves, achava-se com parte de seus subordinados em exercícios anfíbios na ilha Grande. O imediato, Capitão-de-Fragata Arthur Freitas Seabra, decidiu por uma ação imediata de artilharia e ordenou ao Capitão-de-Corveta José Augusto Vieira que atacasse com o 2º Batalhão. A luta desenrolou-se pela madrugada (perderam a vida os soldados fuzileiros Antônio Silva Filho e Severino Motta de Souza). Às 6 horas da manhã, um oficial do Exército obteve a rendição dos revoltosos.

As ações contra o Palácio Guanabara

Ação mais importante dos revoltosos direcionava-se contra o Palácio Guanabara, e foi comandada pelo Ten Severo Fournier⁵. Contava com 80 homens. Deslocaram-se em dois caminhões para a rua Farani vestidos de fuzileiros navais. Fournier acreditava no êxito por causa da participação do Ten Barbosa, oficial de dia ao palácio. Este entregara para cada homem ao seu comando apenas um pente de balas, munição que se esgotou logo no primeiro assalto dos revoltosos (quando foi ferido mortalmente o Cabo FN Manuel Constantino dos Santos) que penetraram nos jardins do Palácio. Fios telefônicos foram logo cortados.

Vargas encontrava-se no interior do Palácio com alguns familiares e seu ajudante-de-ordens, Capitão-Tenente Isaac Luís da Cunha Júnior. Alternaram-se alguns tiros entre sitiantes e sitiados. Através de linha telefônica subterrânea, instalada sigilosamente pelo engenheiro Líbero Osvaldo de Miranda, Alzira Vargas, filha do Presidente, comunicou-se com o Chefe da Polícia e com o posto policial do Mundo Novo, onde o Tenente Valmor estava de guarda com dois soldados, não podendo ajudar. Efetuou, ainda, outras comunicações telefônicas sem maiores resultados. Arriscando-se, entrou no Palácio o irmão do Presidente, Benjamim Vargas, acompanhado, no seu automóvel, por Mauro de Freitas e Edgar Fraga de Castro, que eram diplomatas. O Chefe de Polícia mandou um contingente da Polícia Especial para o Palácio e acionou um destacamento do Exército.

O Ministro da Guerra, Gen Eurico Gaspar Dutra, informado por telefone por Filinto Müller de que algo de grave estava ocorrendo, saiu de sua residência na rua Gustavo Sampaio, no Leme, e se dirigiu, em trajes civis, para o Forte do Leme, a pé. Reuniu 12 praças, colocou-os em um caminhão, juntamente com o Tenente Samuel Kicis, e se dirigiu ao Palácio Guanabara, atingindo o portão da guarita dos jardins do Palácio (conhecida por Dondoca) forçando a entrada com a ajuda dos soldados que trouxera. Travou-se combate mas os revoltosos logo silenciaram. Desse combate resultou um ferimento na orelha do Ministro, sendo atingido um dos soldados mais gravemente. Já estavam presentes o Capitão Serafim Vargas e Luthero Vargas que, sendo médico, cuidou do soldado ferido. É quase certo que, nesta fase, Fournier e outros revoltosos resolveram abandonar a operação.

Apareceram, então, as primeiras motocicletas da Polícia Especial (comandada pelo Ten Euzébio de Queirós que não participou destes eventos) numa das quais o Gen Dutra se dirigiu para a Chefatura de Polícia onde se encontrava o Cel Osvaldo Cordeiro de Farias (Interventor no RS e que viera ao Rio de Janeiro tratar de assuntos do Estado). Dutra ordenou-lhe que seguisse para o Palácio Guanabara a fim de coordenar a ação. Dutra prosseguiu para o Ministério da Guerra e, em seguida, para o QG da 1ª RM, onde já se encontravam o Gen Almérico de Moura e seu EM. Em seguida, retornou ao Palácio Guanabara encontrando a situação em vias de ser controlada.

Na entrevista que Belmiro Valverde concedeu ao jornal O Globo em 15 de maio de 1958, colhemos este depoimento:

"(...) o Sr. Getúlio Vargas foi salvo graças à intervenção do seu Ministro da Guerra, o então General Eurico Gaspar Dutra, homem, segundo o entrevistado, de uma bravura incomum e que por

⁵ Fournier morreu de tuberculose em 1946.

isso mereceu todo o respeito dos revolucionários. O titular do Exército organizou a contra-ofensiva e o Sr. Getúlio Vargas manteve-se no poder".

O Cel Cordeiro de Farias, à frente de seus comandados, ocupou o campo de futebol do Fluminense. Após cinco horas nesta posição, utilizou um portão lateral (aberto pelo Investigador Aldo Cruschen), e entrou no jardim do Palácio atacando os revoltosos. Os primeiros a transpor este portão foram o Gen Dutra (de retorno, portanto, ao local) e mais o Cap João Alberto, Luthero Vargas, Júlio Santiago, Augusto Amaral Peixoto (oficial de Marinha e irmão do Interventor do Estado do Rio de Janeiro) e Átila Soares. Às 7 horas da manhã a ação militar estava terminada com a prisão dos revoltosos⁶.

Vargas conseguiu fazer um breve repouso e, após o almoço, dirigiu-se a pé para o Catete expondo-se aos olhares curiosos dos transeuntes.

Em 26 Jun, Fournier abrigou-se na Embaixada da Itália, levado pelos Capitães Manuel Aranha (irmão do Ministro Osvaldo Aranha), Flodoardo Gonçalves e Rubens dos Santos Paiva. Após entendimentos com o governo italiano, a Embaixada entregou Fournier no dia 7 de julho⁷. Outros revolucionários foram apanhados, julgados pelo Tribunal de Segurança Nacional e condenados à prisão, permanecendo nesta condição por sete anos, somente alcançando a liberdade na anistia de 1945.

O Estado Novo, vitorioso, exilou os principais políticos implicados no levante: Otávio Mangabeira, Arthur Bernardes, Armando de Salles Oliveira, Lindolfo Collor e Euclides de Oliveira Figueiredo. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) aproveitou a oportunidade para fechar o jornal Meio-Dia e, em seguida, forçar o desaparecimento de todos os periódicos editados em língua estrangeira.

A decisiva ação do Ministro da Guerra, secundado por oficiais e praças do Exército, determinara a continuidade do Estado Novo.

Não existem suficientes elementos para análise deste episódio; é possível, entretanto, que houvesse tácita compreensão de que seria preferível o totalitarismo de Vargas a uma guinada para a ideologia nazi-fascista.

Escreve o General Aurélio de Lyra Tavares:

"Por esse tempo (1938), quando fazíamos o Curso da Escola de Estado-Maior, ainda com a participação de instrutores da Missão Militar Francesa, o Exército, por tradição e pelas suas raízes espirituais, estava com a França"⁸.

Vargas exprimiu, em discurso pronunciado no dia 13 de maio, no Palácio do Catete: "As Forças Armadas tiveram exemplar conduta mantendo ação coesa e disciplinada (...)."⁹

Na verdade, ainda nesse ano de 1938, continuavam a existir integralistas no Exército. Batista Luzardo, em carta a Getúlio Vargas, previne-o: "Os elementos integralistas no Exército estão todos eles em plena atividade e obedecendo às instruções do Plínio".

Por isso, Plínio Salgado recebeu "convite", em maio de 1939, para se dirigir à Europa (França e Portugal), onde permaneceu até 1945 quando, com o fim do Estado Novo, retornou ao Brasil.

Iconografia da Intentona Integralista de 1938

(abaixo)

⁶ Depoimento do Gen Cordeiro de Farias (Diálogo com Cordeiro de Farias).

⁷ Entrega negociada pelo Embaixador da Itália sob orientações de Benito Mussolini mediante liberação de valores italianos congelados no Brasil.

⁸ O Brasil de minha geração. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1976, p. 136.

⁹ A nova política do Brasil, vol. 5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

ORCI PAULINO BRETANHA TEIXEIRA



Brasileiro, separado, Procurador de Justiça aposentado, Advogado (OAB/RS sob o n. 11.134), CPF nº 136.071.380.87, RG 1005853013 SSP/RS, residente e domiciliado na Rua Quintino Bocaiúva, 1505, ap. 801, CEP 90440-051, nesta Capital, natural de Arroio Grande-RS, filho de Oscar Teixeira e de Orcina Bretanha Teixeira. Data de nascimento: 6 de junho de 1949. Professor Universitário. Bacharel em Ciências Jurídicas

de Sociais (UNISINOS), Mestre em Direito e Doutor em Filosofia (PUCRS). Acadêmico fundador da Academia Maçônica de Letras do Rio Grande do Sul - cadeira nº 2 - patrono Rui Barbosa. Presidente da AMLERS biênio 2013/2015. Comenda AMLERS - 12 de setembro de 2015. Comenda Literária Casemiro de Abreu, outorgada pela Academia Maçônica de Letras do Rio Grande do Sul em 2018. Hóspede Oficial do Município de Santo Ângelo - 1989. Amigo e Colaborador da Brigada Militar - 1990. Medalha Mérito Ambientalista, Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul - Resolução nº 2.081/87 - 1993. Troféu Responsabilidade Ambiental, categoria Personalidade, instituído pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul e outorgado pelo Instituto Latino-Americano de Proteção Ambiental Borboleta Azul - 2006. Voto de Louvor - Ordem dos Advogados do Brasil - Conselho Federal, 2019. Mérito Literário, colar MASTER LITERARY, Real Academia de Letras, 2018. Sócio efetivo do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul. Sócio Correspondente da Academia Maceioense de Letras - cadeira nº 54 - patrono Rui Barbosa. Acadêmico Correspondente da Real Academia de Letras, cadeira nº 147. Comenda Cultura Nacional outorgada pela Real Academia de Letras em 2019. Autor de livros, capítulos de livros e de artigos. Sócio fundador de Bretanha & Machado Advogados Associados. LIV CEPE - CURSO DE ESTUDOS DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA, realizado pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (Período de 28 Mai 2018 e 25 Out 2018). Porto Alegre, 26 de janeiro de 2020.

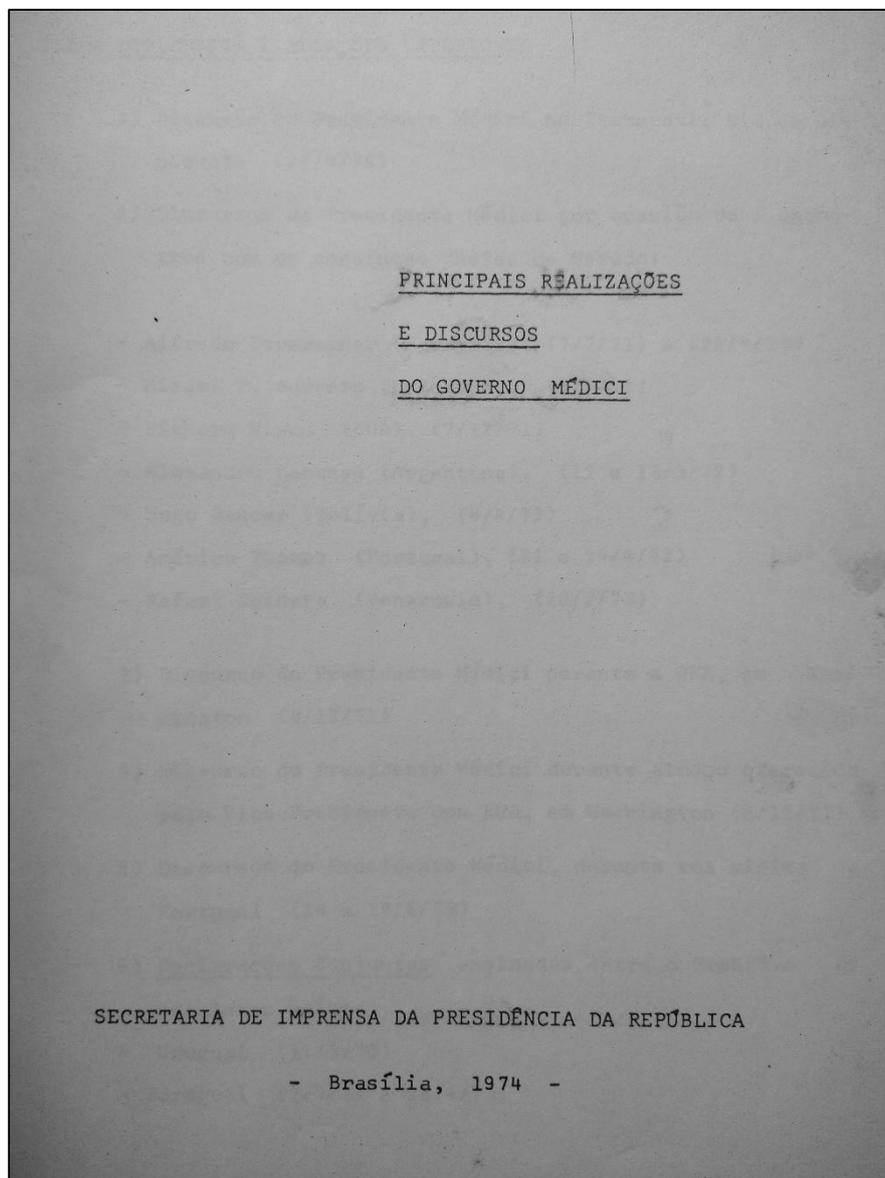


Acesse o novo texto do Cel Vogt: O CINEMA DA NOSSA INFÂNCIA pelo blog

www.escritorcfvogt.blogspot.com.br



A AHIMTB/RS recebeu do Gen Etchegoyen, nosso prezado Acadêmico, uma cópia das publicações **PRINCIPAIS REALIZAÇÕES E DISCURSOS DO GOVERNO MÉDICI**, em dois volumes, conforme a folha de rosto abaixo. Valiosos documentos que retratam as ações de governo daquele general, administração que se destacou entre os demais governos militares. Essas publicações estão à disposição dos integrantes, amigos e correspondentes.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE

- Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>.